

RESENHAS

SOBRE A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE CAMPESINATO

Sobre a Evolução do Conceito de Campesinato. GUSMÁN, Eduardo Sevilla e MOLINA, Manuel Gonzalez de. Tradução: Ênio Guterres e Horacio Martins de Carvalho. São Paulo: Expressão Popular, 3ª ed. 2005, 96p.

CLAUDIO UBIRATAN GONÇALVES

birarural@ig.com.br

A presente obra tornou-se referência obrigatória não somente para os militantes e ativistas dos movimentos sociais, bem como para intelectuais e acadêmicos empenhados na compreensão da diversa realidade do campo hoje, sobretudo, do modo de produção do campesinato. Especificamente no tocante ao campo do conhecimento geográfico, assistimos a uma retomada tímida dos estudos da questão camponesa, embora consistente e numa perspectiva ascendente.

O livro está dividido em três partes: o campesinato na antiga tradição dos estudos camponeses; da nova tradição dos estudos camponeses à agroecologia; e, finalmente, o campesinato na agroecologia. Seus autores são investigadores experientes nos campos da história agrária e ambiental e dos sistemas agrários alternativos à Revolução Verde, e também são reconhecidos pelo engajamento nas lutas políticas. Eduardo Sevilla Guzmán é agrônomo, doutor em sociologia, professor catedrático e diretor do Instituto de Sociologia e Estudos Campesinos da Universidade de Córdoba (ISEC), Espanha. Manuel González de Molina é Doutor em História Contemporânea pela Universidade de Granada e desde 2001 exerce o magistério e desenvolve pesquisas na Universidade Pablo de Olavide. De 2003 a 2007, foi Diretor Geral de Agricultura Ecológica no Conselho de Agricultura, Pesca e Alimentação da Junta de Andalucía, Espanha.

O objetivo central deste trabalho é a caracterização geral da ideia de evolução do conceito de campesinato. Por meio de uma perspectiva de natureza holística, os autores fazem uso da multidisciplinaridade e articulam diferentes concepções teóricas na tentativa de explorar tão vasto tema. O pensamento social agrário foi invocado na tentativa frutuosa de pautar a práxis intelectual e política contra o capitalismo. Aceitemos o convite provocativo dos autores e retomemos o desejo e a vontade sobre os estudos campesinos.

A Tradição dos Estudos Camponeses

O ponto de partida é a obra de Karl Kautsky que atribuiu ao trabalho de Marx e Engels o status de teoria geral da evolução dos estudos sobre campesinato. Desse modo, considerando o contexto teórico do marxismo ortodoxo, são apresentados alguns feixes teóricos com desdobramento em quatro correntes teóricas:

1. Incompreensão de “O Capital”. A leitura que os teóricos ortodoxos fazem de “O Capital” apresenta limitações considerando: os conhecimentos existentes sobre Marx na época, diante da forma de Marx escrever, pondo pontos importantes de seu debate em notas de rodapé ou em lugares periféricos do seu método expositivo - desconhecimento da intencionalidade explícita em seus trabalhos.

2. Interpretação errônea do último Marx por Engels. Trata-se de uma diversidade de vias para o socialismo e a existência de uma via camponesa. A possibilidade de articulação entre vários modos de produção dentro da mesma formação socioeconômica, em contraposição ao entendimento equivocado de Engels sobre o estabelecimento de uma teoria geral da evolução das sociedades.

3. Unilateralidade do processo histórico. Para o Marxismo Ortodoxo, um modo de produção era uma estrutura que articula formas de produzir com maneiras de pensar e atuar surgidas das mesmas. A mudança nas sociedades depende do trânsito de um modo de produção a outro mediante leis do desenvolvimento econômico das sociedades.

4. Agricultura como um ramo da indústria. Marx estabeleceu a agricultura europeia como um ramo da indústria. Entretanto, no método regressivo, a agricultura é ferramenta para esclarecimento da evolução do manejo dos recursos naturais até a agricultura industrializada. A questão agrária consiste em debate intelectual e político sobre o papel das formas de manejo dos recursos naturais no processo histórico.

Por sua vez, o debate da natureza da agricultura e da evolução do campesinato originou várias correntes teóricas. Dentre os quais destacamos: o Narodnismo Marxista, Marxismo Clássico Heterodoxo, Marxismo Ortodoxo Agrário e o Anarquismo Agrário – pouco conhecido e explorado. O Marxismo Ortodoxo Agrário, como esquema teórico, interpreta a evolução da estrutura agrária no processo histórico e possui as seguintes características:

a) Evolução unilinear - transformações na agricultura decorrentes das mudanças produzidas na sociedade global.

b) Sequência histórica: as transformações no campo seguem uma sequência de modos de produção irreconciliáveis entre si.

c) Dissolução do campesinato: como organização socioeconômica característica dos modos de produção anteriores ao capitalismo. A centralização e concentração capitalistas eliminam o campesinato da agricultura diante da incapacidade de incorporação deste ao progresso.

d) Superioridade da grande empresa agrícola: o latifúndio dotado de potencial superioridade técnica levaria à socialização da produção agrária.

e) Contraposição entre a grande e a pequena exploração: é gerada uma confrontação entre campesinato e latifúndio que leva à proletarização do campesinato e polarização social no campo.

Temos como representantes do contexto teórico das transformações na agricultura durante o desenvolvimento do capitalismo: Kautsky e Lênin. O primeiro centra sua argumentação na tendência geral do capitalismo em dissolver e eliminar o campesinato. Por seu turno, Lênin caracteriza os mecanismos de proletarização do campesinato num contexto geral, e não específico, da Rússia levando às contradições. Não podemos esquecer Plekanov, que atribuiu ao capitalismo um trabalho histórico progressista. A questão agrária atribui sentido histórico e alguns condicionamentos estruturais ao desenvolvimento do capitalismo. Assim, o campesinato é resíduo anacrônico fadado a desaparecer ante o desenvolvimento das forças produtivas. Eis o quadro registrado do século XIX: duas categorias intelectuais em que se articulam duas práxis sociopolíticas: Narodnismo, que defende a existência do campesinato diante de seu potencial de adaptação histórica; e Marxismo Ortodoxo, que vê o campesinato como resíduo discrepante do progresso e, assim, descartável.

Nova Tradição dos Estudos Camponeses e a Agroecologia

Robert Redfield realizou estudo de várias comunidades camponesas no México analisando as mudanças consequentes das inter-relações entre estas e a sociedade urbano-industrial. Nesta perspectiva, os camponeses são segmentos de classe de uma sociedade maior vinculados ao mercado mesmo quando consomem maior parte da produção na unidade familiar, possuindo forte traço na dependência em relação à sociedade maior.

Recuperando a antiga tradição: E. Wolf aprofunda os ecotipos camponeses acrescido do enfoque conflitivista. No Caribe, Sidney Mintz analisa operários agrícolas como parte do campesinato além do enfoque sobre o campesinato como encaixe histórico. Galeski reelabora o conceito de estrutura social aplicando-o à análise do campesinato. Surge o marco teórico da estrutura social rural. Por outro lado, Shanin rompe com a perspectiva linear e gera o marco teórico do Narodnismo Marxista, recuperando a multilinearidade para o desenvolvimento dos países periféricos. Alavi e Martinez introduzem uma dimensão agroecológica ao analisar os movimentos sociais nos países periféricos com a ecologia dos pobres. Ignacy Sachs trabalha o conceito de ecodesenvolvimento, buscando introduzir o manejo ecológico dos recursos naturais na projeção de esquemas de transformação de sociedades rurais. Enrique Leff busca, na racionalidade ecológica, o processo de transformação pautado no movimento ambiental e na perspectiva ecológica do marxismo. A sociologia da agricultura

também trouxe importante colaboração. A. Janvry apresentou formulação da internacionalização dos sistemas agroalimentares. Explica, através da dinâmica do capitalismo dos anos 1970, que ocorreu a reafirmação do desenvolvimento desigual criando novas formas de contradição capitalista.

Também a agronomia social, com influências de Chayanov, avançou nos conceitos de Cooperativas rurais, ótimos diferenciais e cooperação vertical. A articulação entre esses três conceitos permitiu a introdução da racionalidade nos processos sociais espontâneos.

Assim, há a compreensão de que a forma de produção é a combinação das condições de reprodução de qualquer tipo de agricultura praticada em pequena escala no processo histórico, com a forma em que tais condições de reprodução se inserem no âmbito da formação social em que se encontram.

O etnoecossistema é inserido como forma de manejo dos recursos naturais estáveis, coexistindo com a forma de produção camponesa e também com a capitalista. T. Marsden apresenta o desenvolvimento rural dinâmico enquanto proposta agroecológica de teorização. Estabelece casos de experiências alternativas exitosas no sentido de recampezinação da agricultura europeia.

Na abordagem latino-americana, A. Palerm destaca o papel do campesinato no capitalismo. Enfatiza a teoria como continuidade de uma práxis derivada da sua permanência histórica, não somente por sua modificação/adaptação, mas também mediante vantagens econômicas perante as grandes empresas agrárias.

O conceito de campesinato evoluiu desde a sua compreensão como um segmento social, integrado por unidades domésticas de produção e consumo até a conceituação agroecológica atual. O campesinato se mostra como uma forma de se relacionar com a natureza, considerando-se parte dela em um processo de coevolução e coexistência que configura um modo de uso e de manejo da natureza.

Por fim, o Anarquismo Agrário constitui elemento central da natureza das relações sociais no interior das comunidades rurais. O mesmo é ressaltado, considerando o contexto atual da América Latina, como teoria revolucionária possível ao rompimento com o atraso na estrutura organizativa e material da economia. Há forte indicio da ampliação de horizontes nos estudos de agroecologia e movimentos sociais com a retomada de Bakunin e Kropotkin. As teorias anarquistas vêm obtendo alto nível de desenvolvimento e elaboração científica, anteriormente combinaram conteúdos agrários com os industriais e, nos dias atuais, suas contribuições são infinitas para a questão social do apoio mútuo e da mobilidade solidária.

A leitura desta obra aponta não somente tendências teórico-metodológicas para a Geografia Agrária, mas expressa que a visão unilinear e fatalista sobre o camponês tradicional está esgotada. Desta forma, constitui-se uma importante chave de leitura para os curiosos geógrafos que vivenciam e procuram compreender: modos de vidas, saberes, sabores, cores, formas e dinâmicas ecológicas do universo e diverso mundo agrário.

